

FAKE NEWS COMO FERRAMENTAS DE (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS SUJEITOS

FAKE NEWS AS TOOLS OF IMAGE (DES)CONSTRUCTION OF THE SUBJECTS

ISRAEL VIEIRA PEREIRA¹

israelvpereira@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, buscamos discutir algumas abordagens possíveis de análise para as Fake News na contemporaneidade, estudando seu funcionamento ideológico e como elas (des)constróem as imagens dos sujeitos nas formações imaginárias, constituídas no contato entre as relações sociais e o histórico. Realizamos um percurso teórico para compreender o que se entende por notícia para os sujeitos, o funcionamento discursivo dos boatos e quais relações podem ser estabelecidas entre tais teorizações e as Fake News. Tomamos como corpus a Fake News de que o ex-deputado Jean Wyllys teria financiado os advogados de Adélio Bispo, responsável por dar uma facada em Jair Bolsonaro. Também analisamos Fake News como acusações políticas públicas contra órgãos de imprensa legitimados. Por fim, ao analisá-las enquanto notícia falsa e acusação, chegamos à conclusão de que as Fake News são uma investidura contra a imagem de determinados sujeitos e uma forma de legitimar os próprios discursos pela deslegitimação e afastamento ideológico do outro.

Palavras-chave: Discurso; Fake News; Formações Imaginárias.

Abstract: In this article, we aim to discuss some possible analytical approaches to the concept of Fake News in contemporaneity, studying its ideological work and how they (de)construct the images of subjects in the imaginary formations, constituted by the contact between the social and the historical. We make a theoretical trajectory to comprehend how news are understood by the subjects, how hoaxes work discursively and what correlations we can make between such theorizations and Fake News. Our corpus is composed by Fake News that say that former deputy Jean Wyllys financed lawyers for Adélio Bispo, who was responsible for stabbing Jair Bolsonaro. We also analyze Fake News as a public politic accusation against legitimate media outlets. We concluded that Fake News attack the image of certain subjects and aim to legitimize specific discourses by delegitimizing others, provoking also further ideological distance between subjects.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL. Agradecemos à CAPES/FAPESC pelo fomento à pesquisa de Doutorado, sem a qual a escrita deste artigo seria inviável.

Keywords: *Discourse; Fake News; Imaginary Formations.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar, sem tentar esgotar o assunto, algumas perspectivas de trabalho sobre *Fake News* em análise do discurso, enfatizando o funcionamento delas sobre as formações imaginárias dos sujeitos, (des)construindo-as.

Optamos pela análise do discurso para este trabalho pela imbricação que ela faz entre linguística, história e política, teorizando que a interpretação das palavras “deriva de um discurso que as sustenta, que as provê de realidade significativa.” (ORLANDI, 2012b, p. 86) Ao salientar a opacidade da linguagem, destacando que o sentido se torna evidente na sua relação com a ideologia, a análise do discurso se torna uma ferramenta bastante útil para o trabalho com materialidades cuja veracidade, para os sujeitos, é alvo de polêmica, tais como boatos, teorias da conspiração, lendas urbanas e, talvez, *Fake News*. Não cabe ao analista delimitar se tais materialidades representam verdades ou mentiras. Cabe-lhe a tarefa de analisar a construção, a legitimação e a circulação dos sentidos, nunca tomados como um “aerólito miraculoso”, na expressão de Pêcheux (2015): isto é, como algo sem uma historicidade e, conseqüentemente, sem direção.

Nesta toada, se a linguagem, como relembra Orlandi (2012a, p. 12), é “estrutura e acontecimento, tendo assim de existir na relação necessária com a história (e com o equívoco)”, não podemos nos furtar de tentar delimitar uma base teórico-discursiva que contribua para o estudo de *Fake News* em suas diferentes possibilidades de *corpus*.

Convém, em um primeiro momento, realizar um breve resgate sobre a evolução do termo *Fake News* e debater alguns problemas que o uso dele acarreta. Em seguida, buscando suporte teórico em autores da área do jornalismo e da análise do discurso, tentaremos observar como nossas reflexões podem ser aplicadas a um *corpus* constituído de uma notícia falsa relacionada ao ex-deputado Jean Wyllys e de uma acusação do presidente Jair Bolsonaro aos órgãos de imprensa, que, aponta ele, produzem *Fake News*. Por fim, na conclusão, esboçaremos possíveis caminhos para a pesquisa sobre *Fake News*, especialmente na análise do discurso, e tentaremos apresentar algumas regularidades que orientem futuras análises.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO TERMO *FAKE NEWS*

O termo *Fake News* começou a ganhar fôlego na contemporaneidade durante as eleições dos Estados Unidos de 2016. Segundo Mike Wendling (2018), para o portal da BBC, “o editor de mídia do site BuzzFeed, Craig Silvermann, identificou uma onda de histórias completamente inventadas que pareciam ter sido originadas em uma pequena cidade do leste europeu.” Desta cidade, chamada Veles, ao menos 140 domínios online diferentes foram registrados, todos com a mesma finalidade de produzir e reproduzir notícias falsas para angariar cliques, o que gera receita através de publicidade online. Muitas dessas notícias envolviam as eleições americanas e, em especial, Donald Trump, que se tornaria um dos responsáveis pela popularização do termo.

No dia 10 de janeiro de 2017, o portal BuzzFeed divulgou um dossiê acusando Donald Trump, já empossado presidente, de ter se beneficiado do apoio da Rússia para ser eleito, acusação que a CNN repercutiria. Nesse mesmo dia, Trump responderia postando na rede social Twitter a seguinte mensagem:



Figura 1: Tweet de Donald Trump sobre Fake News. Fonte: Print Screen do Twitter @realDonaldTrump. Disponível em: <<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/818990655418617856>>. Acesso em 29 out. 2020.

Um dia depois, em uma conferência à imprensa, Trump voltaria a utilizar o termo após discorrer sobre a reportagem do BuzzFeed, chamando o site de “*leftwing blog*”² e “*failing pile of garbage*”³, como forma de silenciar o jornalista Jim Acosta, correspondente da CNN na conferência. “*I’m not going to give you a question. You’re fake news*”⁴, afirmou Trump quando Acosta pediu pela chance de réplica diante dos ataques que Trump lançou contra BuzzFeed e CNN. A partir disso, o termo sairia da esfera do jornalismo nos Estados Unidos e ressoaria em outras publicações ao redor do mundo, em uma franca disputa pelo sentido do termo e pelo poder legitimador que ele traz: “faz parte, da encenação retórica do poder, advogar a clareza, a transparência, praticando assim o apagamento, o silenciamento dos outros sentidos possíveis” (ORLANDI, 2012b, p. 144). Antes de mais nada, apontar que alguém faz *Fake News* é tentar se colocar na posição de divulgador de notícias verdadeiras.

No Brasil, especialmente perto das eleições presidenciais de 2018, o termo ganharia popularidade, com analistas políticos comparando o atual presidente Jair Bolsonaro a Donald Trump no que tange o compartilhamento de notícias falsas em benefício à sua candidatura e as acusações contra órgãos de imprensa tradicionais.

FAKE NEWS, IMAGINÁRIO DISCURSIVO E POSIÇÕES SUBJETIVAS

Em geral, o termo *Fake News* é traduzido e trabalhado como notícia falsa. O pesquisador Gabriel Reis Moraes Machiaveli, em trabalho recente sobre o tema, traduz *Fake News* como notícia falsa e relembra que ela “não é um enunciado novo, uma nova ‘forma’ de manipulação de dados e fatos, mas sim uma memória que é retomada e rearticulada” (MACHIARELI, 2019, p. 339). Em nosso ponto de vista, o funcionamento que está sendo retomado é aquele que Orlandi (2012b) descreve como sendo dos boatos. Para a autora, um boato pode ser definido basicamente como “notícia anônima que se expande publicamente sem confirmação” (ORLANDI, 2012b, p. 134). Ele surge do desejo subjetivo por significar tudo e da instância pragmática de separar o certo do errado, o verdadeiro do falso, colocando em jogo “uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis – com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si mesmo e/ou para os outros” (PÊCHEUX, 2015, p. 33-34). Na interpretação dos boatos, o sujeito encontra uma resposta à necessidade de sentido, reforçando a estruturação significativa operada pelas ideologias em jogo.

O funcionamento das *Fake News* está diretamente ligado ao do texto jornalístico na contemporaneidade. Tendo em vista que a língua é união das esferas “material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o

² Em tradução livre: Blog esquerdistas.

³ Em tradução livre: Um fracassado monte de lixo.

⁴ Em tradução livre: Não vou conceder uma pergunta. Vocês são *Fake News*.

mecanismo imaginário” (ORLANDI, 2013, p. 40), pode-se dizer que a notícia não é interpretada apenas pela sua formulação estilística, mas também, pela série de valores que a antecedem, tais como o que se entende pela posição do jornalista, a instituição responsável, o peso de legitimidade que carrega, as projeções que cria em relação aos outros sujeitos, dentre outros fatores ligados ao funcionamento das formações imaginárias no discurso.

Compreenda-se aqui que, para a análise do discurso, o sujeito não ocupa e nem pressupõe, necessariamente, posições sociais e históricas fixas, estáveis, para significar a si, aos outros e à sua conjuntura. As posições, assim como os sentidos que surgem como evidentes na sua interpretação, são regidos pelas formações imaginárias. Como relembra Orlandi

[...] não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias, que se constituem a partir das relações sociais, que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um operário, de um presidente, de um pai, etc. Há em toda língua mecanismos de projeção para que se constitua essa relação entre a situação – sociologicamente descritível – e a posição dos sujeitos, discursivamente significativa. (ORLANDI, 2012a, p. 30):

As formações imaginárias, conduzidas na relação entre sujeito, história e sociedade, significarão posições e ações de jornalistas e informadores na contemporaneidade. Veremos como as *Fake News* (res)significam as posições e projeções dos sujeitos quanto ao jornalismo e aos agentes políticos.

Nesse sentido, as *Fake News*, se interpretadas como próximas do boato ao se colocarem no entremeio do considerado factual e do incerto, realizariam uma espécie de sutura discursiva que tentaria controlar os sentidos através da legitimidade da prática jornalística noticiosa no imaginário subjetivo e do funcionamento da ideologia, que representa “a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’, sustentando-se sobre o já dito, os sentidos institucionalizados” (ORLANDI, 2012a, p. 66) . É necessário refletir sobre o funcionamento da notícia para que possamos tratar de *Fake News* adequadamente, observando atentamente como elas atuam nas formações imaginárias de cada sujeito e o trabalho da ideologia nelas.

Conforme Charaudeau (2013, p. 132), a notícia age como um “conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade* proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado”. Na lógica de Charaudeau (2013), a notícia se relaciona a acontecimentos anteriores e, pressupõe-se, traz algo de novo sobre eles. Há algo ou alguém que atua como fiador dessa informação (a fonte). Por fim, o acontecimento reportado suscitará certas interpretações de acordo com sua formulação. A imagem que se tem do jornalismo — e do seu produto, a notícia — é de algo que, pela técnica, pelo rigor e pelo método se diferencia da ficção, procurando expor a realidade tal como ela é. Conforme Tambosi (2007, p. 40):

O Jornalismo se situa no plano linguagem-mundo, discurso-realidade – ou seja, não é auto-referencial [sic] –, posição que compartilha epistemologicamente com as ciências. Se fosse um ramo da literatura, bastar-lhe-ia a coerência entre enunciados. À ficção basta a coerência, mas o Jornalismo não é ficção. Como seu imperativo ético é a verdade, que não pode ser um mero ideal, necessariamente ele terá que se defrontar com as teorias da verdade – e a da correspondência (dos relatos com os fatos) parece ser a mais adequada ao campo jornalístico.

Porém, conforme explica Pêcheux (2015), há diversas maneiras de se referir a um mesmo acontecimento, mas cada forma de reportá-lo constrói diferentes significações. Apesar

de procurar construir uma correspondência entre palavra e mundo, a notícia nunca atinge tal fim, pois a relação entre palavra e mundo é do âmbito do “imaginário, afetado pela vontade da verdade, pelas suas intenções, pelas evidências do sentido e pela ilusão referencial (a da literalidade).” (ORLANDI, 2012a, p. 50) Uma *Fake News*, porém, como observaremos, não é só uma interpretação diversa de um mesmo acontecimento ou uma tomada de posição diversificada em torno de um mesmo fator. Ela é capaz de suscitar um novo acontecimento discursivo que aparenta dar conta de associar informações que antes não teriam algum tipo de relação, podendo dar credibilidade a determinadas interpretações sobre um certo tema.

Uma característica de funcionamento possivelmente diferencial está no uso das redes para disseminar as *Fake News*. Novamente, algo de característico do boato emerge no domínio online: o preenchimento do silêncio por meio de sentidos saturados, repetidos e reformulados constantemente na internet. O sujeito no digital

[...] é o sujeito do excesso, no imaginário, e, ainda que subsista a falta, ele é um sujeito saturado; por seu lado, também os sentidos se produzem no excesso da informação, fazendo com que o muito cheio e a produção constante de tudo no instantâneo apaguem o histórico e o político, silenciando o equívoco que só a relação do simbólico com a ideologia pode fazer funcionar, ou seja, a inscrição da falha na história, o esquecimento que estrutura a memória. (ORLANDI, 2017, p. 255)

Por meio do digital, o sujeito encontra uma variedade de informações que sistematizam, ideologicamente, sua memória, satisfazendo seu desejo por sentidos transparentes. O sujeito encontra portais e sujeitos com os quais consegue se identificar, ressoando os sentidos presentes em sua memória.

Com as reflexões realizadas até aqui em mente, vamos analisar a *Fake News* de que o MPF estaria apurando repasses de até R\$50,000 para o advogado de Adélio Bispo. Em nota para Nathália Afonso (2019), da Revista Piauí, o MPF desmentiu a informação, que continua a circular pela internet. Para este artigo, buscamos uma (re)publicação do artigo por algum agente político na Internet e que tivesse um número expressivo de compartilhamentos. Localizamos a seguinte manchete:



Figura 2: Manchete da Fake News sobre Jean Wyllys no Facebook. Fonte: Print Screen na rede social Facebook.

Trata-se de um link para o blog de Ronaldo Cunha, ex-candidato a Deputado Estadual pelo Rio de Janeiro, concorrendo pelo Partido Social Liberal (PSL), pelo qual foi eleito o atual presidente da república, Jair Bolsonaro. Contando com quase 1.400 compartilhamentos na rede social *Facebook*, o link da matéria, que também é sua manchete, começa com um URGENTE em letras garrafais, remetendo à ideia de novidade importante sobre algum caso conhecido ou de notório interesse público. O título, “MPF apura possíveis depósitos de Jean Wyllys para advogado de Adélio Bispo”, ao dispor no mesmo nível de formulação três nomes relativamente conhecidos pelos brasileiros, resgata determinados saberes e os relaciona. O MPF, Ministério

Público Federal, é órgão público fiscalizador dos órgãos públicos, investigando e denunciando possíveis práticas danosas realizadas por políticos. Jean Wyllys, por sua vez, é um ex-deputado brasileiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), tendo anunciado seu exílio do Brasil no dia 24 de janeiro de 2019 devido ao acúmulo de ameaças de morte (DECLERQ, 2019). A notícia falsa sobre a denúncia do MPF passa a circular dois dias depois do anúncio de Wyllys. O ex-deputado, que representava o movimento LGBTQ na câmara, ficou conhecido, dentre outras coisas, por fazer ferrenha oposição a Jair Bolsonaro. Por fim, Adélio Bispo, ex-filiado do PSOL, foi o homem responsável pelo atentado à faca contra Jair Bolsonaro em setembro de 2018. O advogado de Adélio, Zanone Manuel de Oliveira Junior, era financiado por pessoa ou instituição anônima à época da produção da notícia falsa (CANOFRE, 2019). Assim como boatos, essa *Fake News* trabalha em cima de algo polêmico e silenciado — a identidade oculta do financiador do advogado de Adélio Bispo — na tentativa de preencher esse espaço de sentidos, linearizando a interpretação e normatizando semântica e ideologicamente o mundo.

Na imagem que abre o material, há a intersecção de três figuras, tal como se estivessem relacionadas. O advogado Zanone Manuel de Oliveira Junior, um Adélio Bispo de cabeça raspada e com expressão alerta e Jean Wyllys com as mãos na cabeça, como se estivesse preocupado com algo. A imagem, semelhantemente ao que Pêcheux (2015) diz sobre o acontecimento de *mass-media* em *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, prefigura discursivamente o que se dirá, antecipando os sentidos que procurarão ser estabilizados no texto.

O corpo da notícia falsa não é original. Trata-se de replicação de matéria publicada pelo site O Congresso, conhecido por publicar outras notícias falsas (LOPES, 2019). O site de Ronaldo Cunha não cita a fonte da matéria, o que torna sua autoria ambígua, efeito característico do boato (ORLANDI, 2012b). Ambígua aqui não quer dizer que a autoria fica em suspenso, mas sim, que é atribuída a alguma pessoa ou órgão de acordo com a projeção imaginária que o leitor faz do possível responsável pelo material, desambiguizando o enunciado pela interpretação. Nesse caso, pode-se atribuir a autoria ao próprio Ronaldo Cunha, que, ao mesmo tempo em que tenta dar credibilidade à informação devido à sua posição política, busca construir sua própria legitimidade enquanto enunciador confiável, posição que, se estabilizada, lhe renderia crédito político.

No corpo do texto, o silenciamento que a matéria pretende resolver é trazido à tona para dar ao leitor a impressão de que o caso está sendo atualizado: “O agora ex-deputado decidiu renunciar ao cargo e fugir do Brasil exatamente no mesmo dia em que a OAB pediu para que a justiça não obrigue o advogado de Adélio a divulgar quem está pagando por seus honorários” (CUNHA, 2019). Nesse sentido, a notícia falsa resolveria o conflito, característica que consideramos importante para este estudo, reforçando ou alterando a projeção imaginária, a posição dos sujeitos como percebida por outros sujeitos, que se faz das figuras envolvidas. O discurso constrói a imagem que se faz dos sujeitos envolvidos na enunciação e lhes dá sentido. O que a *Fake News* em questão faz é tentar deslocar a imagem percebida de Jean Wyllys de deputado do PSOL que se exilou devido a ameaças e à situação política brasileira para opositor potencialmente envolvido na tentativa de assassinato de Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo, o enunciador constrói a posição de um autor que inspira confiabilidade, coragem e contraposição ferrenha a políticos de esquerda, postos como vilões na narrativa que se quer colocar em circulação e legitimar.

As *Fake News*, conforme as posições ideológicas do sujeito, trabalham com a perspectiva de desconstruir a projeção que se faz do ex-deputado Jean Wyllys ou, ainda, de reforçar uma imagem negativa que o sujeito tenha dele dentro de sua formação imaginária. Elas (des)constróem as posições subjetivas no imaginário discursivo, colocando Jean Wyllys como criminoso e o autor pressuposto da notícia como defensor da verdade e da honestidade. Ao

pressupor os aspectos técnicos do jornalismo, tomado socialmente como produtor de verdades, as *Fake News*, inscritas no espaço virtual, expandem a cisão ideológica que, misturando o técnico ao moral, opera aquela perigosa bipolarização lógica e pragmática dos sentidos comentada por Pechêux (2015). Nesse caso, o risco surge quando o sujeito se projeta no lado bom desse mundo simplificado, justificando (para esse sujeito) ameaças de morte, atos de violência e discursos de ódio contra um determinado sujeito ou contra outros grupos ideológicos. Tudo inspirado pela (des)construção da imagem que o sujeito projeta de si e do outro.

Vimos, nessa primeira análise, que as *Fake News* enquanto notícias falsas se assemelham aos boatos como trabalhados por Eni Orlandi (2012b). Aqui, as *Fake News* têm um tom alarmista, uma autoria presumida, atuam como elemento de desambiguação da interpretação e investem contra a imagem de um determinado sujeito, dando poder de legitimidade a algum outro. Há, acreditamos, outra forma de abordar as *Fake News* como aparelhos (des)construtores de imaginário discursivo. É preciso tomá-las enquanto acusações.

FAKE NEWS COMO ACUSAÇÃO POLÍTICA

O termo *Fake News* também é utilizado como acusação. Como dissemos anteriormente, a busca pela imagem de fiador da verdade tem forte relação com o poder. Com o termo *Fake News*, surge uma maneira de ressignificar a legitimidade do outro em prol de si. No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro acusa constantemente as mídias tradicionais de publicarem *Fake News* contra ele próprio. Um exemplo pode ser encontrado abaixo.



Figura 3: Tweet de Jair Bolsonaro acusando a Globo News de Fake News. Fonte: Print Screen do perfil oficial do presidente. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1111077097991299072>>. Acesso em: 29 out. 2020

O perfil do presidente na rede social Twitter busca, ao mesmo tempo, defender a própria imagem e atacar a projeção que se faz do jornalismo tradicional. Ao enunciar que a mídia cria “narrativas”, Bolsonaro remete à oposição entre ficção e jornalismo mencionada por Tambosi (2007) anteriormente. Poder-se-ia perguntar: se a mídia tradicional cria ficção, quem é responsável pelo jornalismo? Os canais alternativos, como o blog do então colega de sigla Ronaldo Cunha, seriam a resposta?

Acompanhada de uma foto de uma televisão transmitindo a Globo News, cujo jornal anuncia que Bolsonaro iria demitir Ricardo Vélez Rodriguez do Ministério da Educação, o presidente afirma que a mídia, sem maiores especificações, cria a narrativa de que ele é incapaz como governante. Em seguida, ele se direciona ao seu leitor, como se estabelecesse com ele uma conversa direta, sem os intermediários nos quais o Presidente não confia: “Você sabe quem quer nos desgastar para se criar uma ação definitiva contra meu mandato no futuro”. A ambiguidade é criada para que o leitor, conforme suas formações imaginárias, preencha ideologicamente os sentidos criados pela expressão “Você sabe quem”. Seriam os petistas? Os jornalistas? Os estudantes? Não se sabe, mas se estabelece que tais figuras, diferente do que o presidente afirma, não estariam comprometidas com o leitor e com o Brasil.

Bolsonaro procura, aqui, se estabelecer como representante moral da verdade por meio de um esquema valorativo em que o que ele fala é verdadeiro porque o que os outros dizem é falso. Novamente, a bipolarização ideológica entre verdadeiro e falso é atuante, retrabalhando as imagens em jogo no imaginário discursivo da coletividade na web. “A partir da contraposição ao mentiroso, àquele em quem ninguém confia e que todos excluem, o homem demonstra para si o que há de venerável, confiável e útil na verdade.” (NIETZSCHE, 2008, p. 37) Tal busca por confiabilidade é traço da necessidade pragmática por um mundo semanticamente normal (PÊCHEUX, 2015), que encontra no Estado e suas instituições “polos privilegiados de resposta a esta necessidade ou a essa demanda.” (PÊCHEUX, 2015, p. 34) As *Fake News*, tanto como acusação quanto como notícia falsa, demarcam um rompimento entre Estado e instituições, em que cada um tenta deter para si o monopólio da legitimidade através da classificação do outro como ilegítimo. Na disputa pelo poder, vence aquele que conquistar a hegemonia sobre o discurso através da construção de um conjunto de saberes capazes, como “todos os saberes de aparência unificada e homogênea [...] de justificar tudo, em nome da urgência” (PÊCHEUX, 2015, p. 36). É atuando nas formações imaginárias — construindo a relação entre real e simbólico e significando as posições subjetivas projetadas na enunciação e na interpretação — que o ideológico e o político se fazem evidentes e coordenam as ações do sujeito no mundo.

O que nos interessa, nesse caso em particular, é que, pela manchete exibida pelo presidente, a notícia é verdadeira. Pouco mais de uma semana depois de a notícia ser divulgada pela Globo News, o presidente, pelo Twitter, exoneraria Ricardo Vélez Rodriguez do Ministério da Educação:

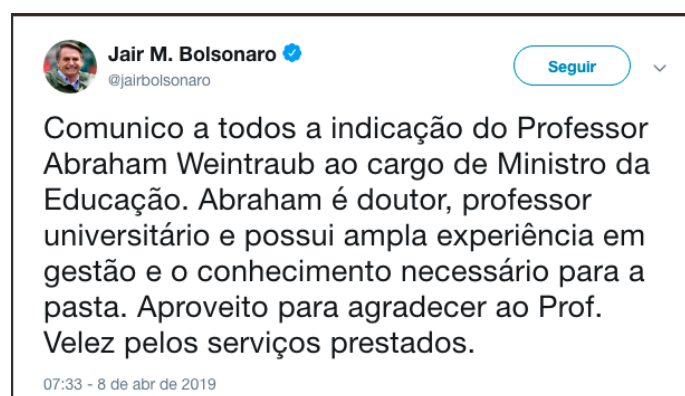


Figura 4: Tweet de Jair Bolsonaro indicando a demissão de Vélez. Fonte: Print Screen do Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1115261421321883648>>. Acesso em: 29 out. 2020

Por isso, recomendaríamos uma observação cuidadosa sobre *o quê* está sendo classificado como *Fake News*. Algumas materialidades diferentes – como opiniões e até notícias verdadeiras – também podem ser acusadas de *Fake News* por alguns sujeitos como forma de conquistar credibilidade e, se possível, criar precedentes para censurar os dizeres

possíveis, angariar poder e justificar atitudes de ódio contra jornalistas, professores e outros profissionais que trabalham no campo das ideias. Esse modo de funcionamento não pode ser negligenciado no trabalho do analista do discurso, particularmente quando a acusação é vazia, como a trabalhada em nossa breve análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o termo *Fake News* é amplamente utilizado para classificar vários tipos de informação na contemporaneidade, o analista precisa atentar ao *corpus* analisado para distinguir as *Fake News* em seu funcionamento como notícia falsa e como acusação. Deve-se levar em consideração as posições em jogo e a disputa discursiva pelo poder através da legitimidade sobre o ato de informar.

O que aparece de regular nas diferentes formas de trabalhar as *Fake News* se encontra na questão das projeções das posições subjetivas em sua relação com o imaginário, “capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas” (ORLANDI, 2012a, p. 32). As *Fake News* estão estritamente ligadas a uma tentativa de estabelecer ou desestabilizar a imagem que se projeta de determinada coisa ou de algum sujeito, especialmente pela repetição e saturação dos sentidos, funcionamento correspondente ao da internet. A plataforma *online* é tomada como veículo alternativo de informações, satisfazendo a necessidade ideológica por confirmação e estabilidade não encontradas nas mídias tradicionais pelos sujeitos. Na internet, o ideológico encontra ressonância nas *Fake News*, inscrevendo na memória os sentidos que conduzem as posições subjetivas na contemporaneidade.

Cabe à análise do discurso trabalhar com a deriva de sentidos que tal materialidade oferece no seu funcionamento na sociedade e na história.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Nathália. #Verificamos: É falso que Jean Wyllys repassou R\$ 50 mil a advogado de Adélio Bispo. **Piauí**, 19 jan. 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/29/verificamos-jean-wyllys-adelio/>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

CANOFRE, Fernanda. Polícia Federal pede recurso à AGU para investigar advogado de Adélio Bispo. **Folha**, 18 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/policia-federal-pede-recurso-a-agu-para-investigar-advogado-de-adelio-bispo.shtml>>. Acesso em 29 abr. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Ronaldo. URGENTE: MPF apura possíveis depósitos de Jean Wyllys para advogado de Adélio Bispo. **Blog do Ronaldo Cunha**, 26 jan. 2019. Disponível em: <<https://ronaldocunha.com.br/urgente-mpf-apura-possiveis-depositos-de-jean-wyllys-para-advogado-de-adelio-bispo/>>. Acesso em 29 abr. 2019.

DECLERQ, Marie. Jean Wyllys: o primeiro exilado do governo Bolsonaro. **Vice**, 24 jan. 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/a3bd7k/jean-wyllys-o-primeiro-exilado-do-governo-bolsonaro>. Acesso em 29 abr. 2019.

LOPES, Gilmar. O MPF identificou que Jean Wyllys repassou R\$ 50 mil para o advogado do esfaqueador de Bolsonaro? **E-Farsas**, 28 jan. 2019. Disponível em: <<http://www.e-farsas.com/o-mpf-identificou-que-jean-wyllys-repassou-r-50-mil-para-o-advogado-do-esfaqueador-de-bolsonaro.html>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MACHIAVELLI, Gabriel Reis Moraes. *Fake News: uma investigação discursiva*. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo: v. 48, n. 1, p. 338-355, abr. 2019. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/viewFile/2324/1493>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a Verdade e a Mentira**. São Paulo: Hedra, 2008.

ORLANDI, Eni. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2012a.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012b.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

_____. **Eu, Tu, Ele: Discurso e real da história**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

RAMALHO, Renan. Fux diz que Justiça pode anular uma eleição se resultado for influenciado por ‘fake news’ em massa. **G1**, 21 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/fux-diz-que-justica-pode-anular-eleicao-se-resultado-for-fruto-de-fake-news-em-massa.ghtml>>. Acesso em 29 abr. 2019.

TAMBOSI, Orlando. Jornalismo e Teorias da Verdade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/279/272>> Acesso em: 26 nov. 2019

WENDLING, Mike. Como o termo ‘fake news’ virou arma nos dois lados da batalha política mundial. **BBC**, 27 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>>. Acesso em 29 abr. 2019.

Artigo recebido em: 29/11/2019

Aprovação final: 27/10/2020

DOI: 10.35501/dissol.vi12.752